

## AMAZÔNIA É MINHA

Luiza Bastos<sup>1</sup>

*“Ele pegou o jardim da casa dele e transformou em selva. Eu peguei a selva e transformei em meu jardim”  
PP Conduru*

Após sete anos trabalhando com computação gráfica, o artista plástico PP Conduru voltou a pintar. Pintar mesmo, não só como um exercício visual, mas pintar quadros, artesanalmente, com a linguagem plástica do desenho-tela-tinta.

E quando PP apresenta uma nova série de trabalhos, seja desenho, computação ou pintura; críticos, artistas, e outros amantes das imagens sentem um impacto: ele vai além dele mesmo e leva consigo a sua arte e os espectadores.

Com um trabalho mais maduro, curado ao longo de 27 anos de intensa criação, mas não menos provocativo, contundente e antenado com seu tempo, Ele pinta agora um retorno às origens, que ele próprio pensou ser meramente profissional – àquelas lá dos meados da década de 70, quando as suas pesquisas eram feitas nos livros dos “Gênios da Pintura” (na época, uma das poucas referências de artes plásticas na Amazônia longínqua e isolada) e o *naif* do pintor francês Henry Rosseau e seus jardins-florestas.

“Amazônia É Minha”, a série, é muito mais que isso. É um memorial. Roteiro visual-sentimental de suas andanças de criança pelos interiores da Região ao encontro das origens do próprio homem. Um movimento solitário (?), marginal, de selva, águas, céus e terras que todos querem para si e que PP toma nas mãos, e (se) expressa.



<sup>1</sup> Marchand, produtora cultural, jornalista, escritora.

A Acrílica sobre tela, sem título, obra de P.P. Condurú, série 'AMAZONIA É MINHA', 2003, medindo 116 x 187 cm.

Apesar de já terem propagado a morte do quadrado e da pintura e a distribuição da Amazônia, Ele se lança nesse mundo mágico, lúdico-úmido, denso-ventre, febre-torpor, falando assim o que sente.

O que ele quer com isso? O que significa? A quem pertence? É nossa? É da humanidade? As perguntas estão aí. Pelo menos a uma delas PP tem a resposta.